

ta ainda: a cidade inteira acorrera à grande praça, em frente ao palácio, onde o Santo prégava a penitência.

Em breve, irmãos "saccati" percorrem toda a Itália, envoltos em farrapos e prégam a contrição e o recolhimento. O mais original dentre eles é o "irmão Benedito", cuja longa barba negra lhe desce ondulante sobre o peito e cuja cabeça está coberta com um barrete frígio. Duma pequena trombeta de metal que o cronista descreve como "tuba aenea sive de oricalco", arranca sons doridos e lamentosos, com os quais chama a multidão. Peregrina de aldeia em aldeia, de igreja em igreja.

A palavra ardente e arrebatadora desses prégadores da penitência exerce uma ação subjugadora sobre as multidões. Como verdadeiros "Mestres do Mêdo", são entendidos em concretizar, sob a forma do terror, a angústia primitiva que, oculta em todas as almas, está sempre presente, ainda que sem objeto e sem ligação com o tempo.

São peritos em fixar esta angústia no tempo, sob a forma do terror. Causam, assim, esse abalo, mercê do qual "o velho homem é triturado" ficando destruídas não somente a velha alma culpada como também a própria mancha original. Assim é que os prégadores conseguem produzir nas almas de seus ouvintes, essa grande metamorfose, que somente, aliás, "a morte corporal e a passagem pelo purgatório" são capazes de alcançar.

Seu poder baseia-se, sobretudo, na espontânea e apaixonada ânsia de penitência, sentida por pecadores contritos, no estado de grande perturbação da "catarsis". Por tal motivo, este poder geralmente dura pouco tempo. Enquanto, porém, dura esse transe, sua influência sobre as multidões é verdadeiramente assombrosa.

Quando o dominicano Venturino de Bergamo faz sua aparição entre os homens, como "Enviado de Deus", e evoca perante seus ouvintes as imagens terríveis da danação e dos suplícios do inferno, alcança resultados muito superiores aos que jamais conseguiram os benignos sacerdotes da remissão dos pecados.

Arrebatados pelo arrependimento e pelo mêdo, homens de todas as classes sociais juntam-se para fazer penitência. "Nunca se ouviu falar, desde o tempo de S. João Batista" — escrevem os contemporâneos, — "que tanta gente se tivesse reunido por causa da palavra duma única pessoa".

Por toda parte, homens inveterados no vício acusam seus pecados em público. Usurários e ladrões restituem os bens mal adquiridos. Inimigos mortais de há muitos anos abraçam-se em pranto e perdoam-se mutuamente. Mal tem Giovanni da Schio proferido sua maldição em Parma, contra todos que fecham seu coração à penitência, e já Bernardo Bafulo, um dos nobres mais ricos da cidade, faz-se atar à cauda do seu cavalo e manda que um palafreireiro assim o leve pelas ruas da cidade, chicoteando-o no trajeto.

Ainda no século XV, entre o ruído das festas da Renascença, ressoam as severas admoestações dos prégadores da penitência. E, cada vez que sua voz evoca imagens sinistras e horríficas, o Mêdo torna a vencer, e os ares tremem aos gritos de "Misericórdia!", lançados por milhares de bocas.

Seja qual fôr o lugar onde apareça um dos monges populares, recebem-no com procissões, repique de sinos e aclamações entusiásticas. Durante os sermões, lojas e armazéns permanecem fechados como nos dias de grandes festas. Ninguém tem o direito de recusar a seus servidores a permissão de tomar parte nas cerimônias de penitência. Até aos que foram banidos da localidade, é permitida a entrada, nesta ocasião. De manhã cedo, antes de serem abertas as portas da cidade, já se acham elas sitiadas pelos moradores dos arredores e que querem entrar.

Em Brescia, celebra-se, todos os anos, uma festa popular, na qual, para divertimento do povo, as prostitutas da cidade, montando burros, organizam uma corrida. Um belo dia, Bernardino de Siena surge entre o povo que grita de prazer, eleva sua voz sonora e descreve os suplícios infernais com que Deus, um dia, punirá um procedimento tão dissoluto. Imediatamente a corrida entre prostitutas se transforma numa procissão precatória que se dirige para a catedral, e toda Brescia implora misericórdia e perdão para os seus pecados.

Agora, nas praças públicas, as damas de qualidade, em massa, cortam as caudas compridas de seus vestidos, pois Bernardino lhes dissera que aquelas caudas estavam "vermelhas do sangue dos pobres". Arrepentidas, as mulheres também tiram seus delicados adereços de cabeça. E, em sinal de penitência, escondem seus rostos em véus espessos.

Em Ferrara, repete-se a febre de penitência, cujo espetáculo Nive nos dera outrora, depois das admoestações de Jonas: depois do sermão dum lazarista, o próprio duque de Ercole veste luto. Corte e povo começam um grande jejum e toda a cidade veste camisas ou sacos de crina. As autoridades abrem as cadeias. A multidão de pecadores que assim sai dos cárceres junta-se imediatamente às filas de penitentes.

Em Florença, todo o fausto da cidade parece sacrificado nas fogueiras acesas pela fúria de penitência, desencadeada pelas imprecações de Savonarola. Durante os dias do carnaval, em 1497, levanta-se, na Signoria, uma pirâmide colossal. Em baixo, amontoam-se máscaras e trajes carnavalescos. Em cima, acumulam-se os livros, os pergaminhos e os manuscritos mais preciosos. Depois, vêm as jóias e os ornamentos das senhoras. Mais alto, estão atirados os instrumentos de música, os tabuleiros de xadrez e os baralhos de cartas. Bem no alto, acham-se empilhadas as pinturas que representam mulheres formosas. Vibram, então, as trompetas. O magistrado toma lugar na sacada do Palazzo Vecchio. E, aos aplausos frenéticos duma multidão enorme, Savona-